

LÓGICAS IMAGÉTICAS DE UMA SOCIEDADE INTERIORANA: USOS DA FOTOGRAFIA E NARRATIVA VISUAL NO BRASIL SETENTRIONAL

1. Introdução

Será possível entender uma sociedade por meio dos registros fotográficos do cotidiano? Observar nas imagens, sinais de disputas de poder, estratificações sociais, relações de reciprocidade, de produção e tantas outras características que constituem os objetos de estudo das Ciências Sociais?

O presente estudo visa analisar a relação entre fotografia e etnografia, buscando similaridades e aspectos específicos que apontem limites e possibilidades dos usos da fotografia na produção etnográfica. Nesse sentido, serão levantados alguns aspectos importantes sobre a inserção de fotografias nas pesquisas antropológicas, algumas reflexões teórico-metodológicas e por fim uma narrativa visual realizada em uma pequena cidade do interior chamada Rorainópolis, localizada no estado de Roraima.

Empiricamente, o trabalho de campo foi realizado ao longo de três meses com uma inserção cotidiana pelas ruas da cidade, onde se realizou registros fotográficos e anotações sobre aspectos estruturais e simbólicos que auxiliassem na compreensão da dinâmica da própria cidade. Foram feitos 100 registros fotográficos de aspectos cotidianos, dos quais foram selecionadas seis fotografias, com as quais buscamos interpretar algumas características da sociedade rorainopolitana. Essa foi analisada em seus elementos mais estruturais, presentes no sistema econômico, nas redes mais amplas da qual faz parte, na História e na relação desses com os símbolos e significados fundamentais para a reprodução do dia a dia. (WOLF, 2003)

Para alguns autores como KOURY (2004), ECKERT (2009), ROCHA (1995), COLLIER (1973) e SAMAIN (1995), a utilização de imagem nas pesquisas em Antropologia e Sociologia é considerada de muita relevância e por isso tem se tornado

* Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. Professor da Universidade Estadual de Roraima. E.mail: jesusmarmanillo@hotmail.com

tema bastante problematizado em termos metodológicos. Por sua vez, os estudos de DURKHEIM (2007), MAUSS (2003), BACHELARD (1996), CARDOSO OLIVEIRA (1998) discutem sobre questões epistemológicas e metodológicas que podem ser trabalhadas nas formas de registros, baseados em imagens. Da relação entre o trabalho empírico e dos estudos citados resultou um texto organizado em três partes onde serão tratados: 1) os encontros entre etnografia e fotografia; 2) as questões epistêmicas referentes ao ato de observação; 3) uma narrativa visual.

2. *Etnografia e Fotografia: História e encontros*

Como apontam alguns pesquisadores (SAMAIN, 1995; COLLIER, 1973 e FREIRE, 2006), a utilização de imagens na elaboração de etnografias não é algo recente na pesquisa Antropológica, remontando ao início do século XX, com a obra “Argonautas do Pacífico ocidental” (1922) de Bronisław Kasper Malinowski, “Balinese Character: a photographic Analysis” (1942) de Gregory Batizem e *The North American Indian* (1915) do etnógrafo amador Edward Sheriff Curtis.

Em relação ao Brasil, a utilização e problematização dessa fonte tem sido preocupação recente. Pesquisando no site “Grupo de Trabalho de Antropologia Visual da Associação Brasileira de Antropologia”¹ percebe-se que os grupos de pesquisa em Antropologia Visual remontam a *década de 1980 e continuam a surgir após os anos 2000*. Notamos que, em 1989, já havia o Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL-UFES), e que após a década de 1990 emergiram outros em várias partes do Brasil, entre os quais destacamos o Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA-USP) em 1991, o Núcleo de Antropologia e Imagem (NAI-UFF) em 1994, o Grupo Interdisciplinar de Estudos em Imagem (GREI-UFPA) em 1995, o Laboratório de Antropologia Visual (LAV-UFPE) em 1999, o Núcleo de Antropologia Visual (NAVIS-UFRRN) em 2001, o Núcleo de Antropologia Visual (NAVIS-UFAM) em 2001, o grupo de Antropologia Visual em Alagoas (AVAL-UFAL) em 2004 e o Grupo de pesquisas Visuais e Urbanas (VISURB - UNIFESP) em 2007.

O número crescente de grupos e núcleos de pesquisa sinaliza uma concepção crescente, que entende a imagem enquanto trabalho de campo e fonte de informação. Sobre essa integração do uso de imagens na pesquisa Antropológica Koury (2004) parte da ideia de que:

Antropologia busca compreender todos os tipos de comunicação. As verbais e as não verbais, as imagéticas e as não imagéticas, as concretas e as simbólicas. A comunicação, as-

1 <http://antropologiavisualaba.blogspot.com.br/p/nucleos-laboratorios-e-grupos-de.html>

sim, é para mim uma parte integrante do corpo compreensivo da disciplina Antropologia. (KOURY, 2004, p.8)

Tal citação sugere uma associação entre antropologia e comunicação (em todas suas formas) o que nos possibilita considerar a imagem enquanto signo presente entre um comunicador e um receptor, como um elemento mediador de relações, tornando assim, o próprio pesquisador como inserido no “diálogo” entre a fonte de informação e seu produtor. Uma forma de abordagem desse processo comunicativo, na pesquisa com fotografias, seria entendê-la como uma técnica de assimilação do real que não pode ser desvinculada do sujeito que a faz (KOSSOY, 2001).

Dessa forma, se faz necessária a problematização da imagem enquanto enquadramento ou produção socialmente construída, ou seja, é uma forma de leitura e interpretação cujas percepções são sustentadas em determinadas experiências e perspectivas. Em termos weberianos diríamos que “não existe qualquer análise científica puramente “objetiva” da vida cultural dos “fenômenos sociais”, que seja independente de determinadas perspectivas especiais e parciais.” (WEBER, 2001, p.124). Isso permite aferir que um passo fundamental é a vigilância epistêmica sobre a relação sujeito-objeto, construída nas pesquisas baseadas em fotografias.

3. *Questões epistêmicas e olhar disciplinado*

Uma atitude comum indispensável tanto para a realização do registro fotográfico quanto para a produção etnográfica, é a observação. Seja atrás ou não das lentes de uma máquina fotográfica, o Antropólogo estará sempre observando de forma sistematizada os aspectos mais regulares, mais específicos e mobilizando uma série de percepções (acadêmicas, sociais e culturais) para dar sentido e compreender as imagens que lhes são apresentadas.

Considerando essas percepções e condicionantes anteriores à observação, num viés mais funcionalista, *há quem creia que* “Aprendemos a ver apenas o que praticamente precisamos ver. Atravessamos nossos dias com viseiras, observando somente uma fração do que nos rodeia.” (COLLIER, 1973 P.3). Em outros termos temos a indagação: quais são os “filtros” presentes no olhar do fotógrafo e pesquisador e como esses *são manifestados nos privilégios ou exclusão de determinados ângulos?*

Se relacionarmos a ação de observação enquanto campo analítico, Mauss (2003) afirmaria que, em toda sociedade, todos sabem e devem saber e aprender o que devem fazer em todas as condições e que tais aprendizados são fundamentados na

autoridade social. Dessa forma, “os filtros” citados anteriormente podem ser mais bem compreendidos de acordo com um processo educativo sobre o “olhar”. Nesse sentido, a relação entre as imagens e sensações de prazer ou de repulsa representa um processo muito mais complexo cujo resultado manifesta-se nas retinas e na atitude do observador.

Em raciocínio semelhante, Cardoso de Oliveira (1998) percebe que o objeto pesquisado em campo não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual trabalhado ao longo da vida acadêmica, deixando claro assim a existência de condicionantes que caracterizam a forma como o pesquisador realizará observações em campo. Sobre isso, Durkheim (2007), em seu texto intitulado “Regras relativas à observação dos fatos sociais” utiliza a “atitude de observação” para diferenciar o fazer científico do senso comum. Segundo ele, quando contentamos em tomar consciência das nossas ideias, usando o campo para justificar ou legitimar uma ideia já pré-concebida, não fazemos senão uma mera análise ideológica.

Tanto Durkheim (2007) quanto Mauss (2003) sugerem primeiramente a descrição e comparação, atentando sempre para o afastamento das pré-noções, definição do objeto de estudo e exterioridade do mesmo. Em se tratando da atitude de observação do pesquisador, isso significaria tomá-la enquanto problema epistemológico, considerando a importância da autoreflexão do próprio pesquisador e exercício de um trabalho de abstração sobre a atitude de observação e também sobre os produtos (fotografias ou etnografias) dela originários. Nesse sentido, Mauss (2003) ressalta que a forma concreta e experimental como se apresenta um processo ilimitado de objetivação do sujeito seria a justificativa do avanço da etnografia (conhecida também como antropologia social e cultural) por vários países.

Em relação ao processo de descrição e observação Bachelard (1996) destaca a importância de geometrizar as imagens evidentes aos olhos e trabalhá-las mentalmente por meio de abstrações caminhando assim para a via psicológica normal do pensamento científico. Para o autor:

A primeira experiência ou, para ser mais exato, a observação primeira é sempre um obstáculo inicial para a cultura científica. De fato essa observação primeira apresenta-se repleta de imagens; é pitoresca, concreta, natural, fácil. (BACHELARD, 1996, P.25)

Entre outras coisas, essa geometrização e fuga da observação pitoresca ocorrem mentalmente e imagetivamente por meio da atitude reflexiva que posteriormente se manifesta em atitudes na forma de delineamento da pesquisa. Nas palavras de Rocha (1995), isso significaria reconhecer que o “estatuto do pensamento científico reside

no fato de que o pensamento humano não tem outro conteúdo que não sejam imagens, expressando-se através do apelo às formas simbólicas.” (1995, p.111)

Considerando esse viés epistêmico, é possível aferir que a importância da construção de imagens perpassa o âmbito empírico e faz parte de toda consciência e processos cognitivos relacionados à percepção do mundo e significados atribuídos ao mesmo. Dessa forma é necessário considerar que a imagem pode ser entendida tanto como processo mental e também como produto nos trabalhos de campo, daí a necessidade de problematizar os aspectos mais subjetivos relacionados ao processo de construção de imagens, seja no âmbito mental ou empírico.

Essa observação incide diretamente no problema da objetividade das Ciências Sociais que para Weber (2003) depende do fato empiricamente dado estar constantemente orientado por ideais de valor que são as únicas a conferir-lhe valor de conhecimento, ou seja, depende de valores e sentidos atribuídos por indivíduos, daí as ciências sociais focarem sobre a interpretação dos aspectos qualitativos dos fatos e da realidade cultural.

Nesse sentido, a problematização de questões epistêmicas e do olhar disciplinado envolve uma autoreflexão do próprio pesquisador em relação ao sistema cultural no qual está inserido e como esse mesmo pode influenciar seus processos imagéticos em todos os âmbitos. Entre outras coisas isso significaria analisar os meios comunicativos que conferem sentido ao referido sistema cultural, ou seja, a ponte existente entre os homens e a cultura- uma análise simbólica.

Assim, vale ressaltar que nas ciências humanas, a abordagem semiótica- aquela que busca os signos e significados existentes no ato comunicativo- tem ganhado espaço, seja no ato de tentar desvendar uma intrincada rede de significações, cujos signos interagem constantemente com a realidade (CARDOSO e MAUAD, 1997), seja como uma concepção de cultura² e de descrição densa (GEERTZ, 2008) útil no processo de interpretação das relações e hierarquizações de estruturas significantes que, em última instância essas apresentam conexão com determinadas posições e sentidos produzidos socialmente.

Como apontam Cardoso e Mauad (1997) a fotografia traz consigo o desafio de descobrir aquilo que não foi revelado pelo olhar fotográfico, e também ressaltam o fato de que:

Com efeito, os sistemas de signos, tanto verbais como não verbais, são fundamento dos programas sociais de comportamento. Sendo fruto do trabalho social, compõem o quadro

2 Geertz (2008) defende um conceito de cultura essencialmente semiótico e reafirma sua aproximação com Max Weber, quando considera que o homem é um animal amarrado a teias de significados tecidas por ele mesmo.

cultural de uma sociedade. Neste sentido, a compreensão da cultura, enquanto forma de apreender e transformar as relações sociais, passa pela análise dos sistemas de signos. Sob este aspecto, a própria fotografia integra um sistema signico não-verbal que pode ser compreendido através de um duplo ponto de vista: enquanto artefato produzido pelo homem e que possui uma existência autônoma como relíquia, lembrança etc.; enquanto mensagem que transmite significados relativos à própria composição da mensagem fotográfica. (CARDOSO e MAUAD, 1997, p.577)

Por meio do raciocínio dos autores é possível aferir que as fotografias também denotam relações sociais pelo fato de integrarem um sistema de signos construídos coletivamente, podendo ser entendida tanto como representação de determinada cultura e como mensagem carregada de significados – que também revelam aspectos culturais.

Em outros termos, é possível afirmar que os registros fotográficos - enquanto produtos do social - carregam as características do mesmo e dessa forma podem fornecer evidências de disputas de poder, da História, de estratificação social, de relações de reciprocidade, de produção e outros aspectos relacionados aos objetos de estudo das Ciências Sociais.

4. “Polis” de Roraima ou Rorainópolis

A seis horas de Manaus, a seis horas da Venezuela e a quatro horas de Boa Vista, assim costumava localizar a pequena cidade de Rorainópolis emergida em meio à densa floresta amazônica. A etimologia da palavra traz significado imponente fazendo menção à totalidade de um estado, pois se trata da “cidade ou polis de Roraima” conhecido como Rorainópolis.

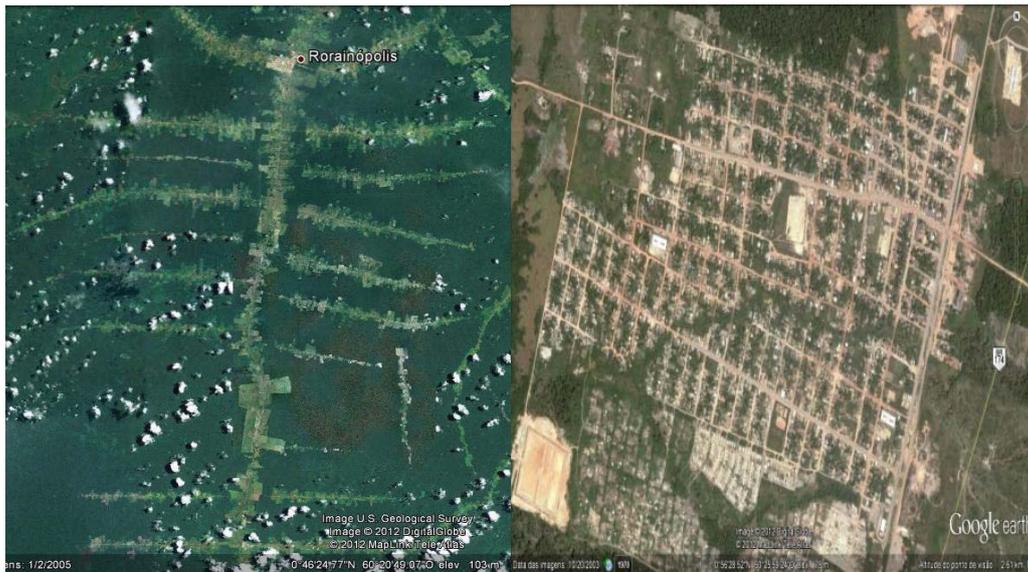
Tal nomenclatura não pode ser dissociada dos significados atribuídos ao próprio estado de Roraima, uma vez que a cidade foi originada a partir de uma vila de assentamento do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em 1995, daí a população local ser praticamente resultante de um forte processo de migração. Segundo Vale (2007), embora a maioria dos sujeitos, que busca o estado de Roraima, se instale em Boa Vista, números do IBGE mostram que outras cidades como Rorainópolis tem se destacado na absorção de migrantes, principalmente maranhenses, cearenses, potiguares e paraibanos.

Nesse sentido, interpreta-se que a “cidade de Roraima” possa simbolizar uma referência de região norte no imaginário do nordestino migrante. Sobre essas movimentações demográficas, Martins (1996) explica que nas sociedades latino americanas as relações sociais e políticas são marcadas pela expansão demográfica sobre as terras não ocupadas ou insuficientemente ocupadas e que a última grande fronteira

é a Amazônia.

Uma conseqüência dessa ocupação espacial por meio de assentamentos pode ser observada diretamente na forma de organização espacial da cidade cuja expansão iniciou-se da BR174 por meio de estradas construídas perpendicularmente a BR, conhecidas como vicinais. Essas constituíram as três principais avenidas da cidade, que por sua vez são cortadas por várias ruas paralelas formando um aspecto de rede.

Imagens I e II-Espinha de peixe e cidade de Rorainópolis



Fonte: googleearth, 2012.

Essa forma de expansão, conhecida localmente como espinha de peixe (Imagem I), caracteriza bem a origem distributiva dos lotes realizada segundo os critérios do INCRA, tal fato diferencia Rorainópolis (Imagem II) das principais cidades mais próximas do litoral brasileiro, cuja igreja católica possui forte influência, sendo ponto de partida para surgimento de algumas cidades. Diferentemente, o referido município surgiu por influência do INCRA e seu processo de expansão foi iniciado a partir dos terrenos próximos à prefeitura da cidade, que não por acaso é o órgão responsável pela legalidade da posse da terra por meio dos títulos. Talvez seja um dos poucos casos em que a igreja matriz *não ocupe uma posição central na cidade e seja localizada em um lote de esquina, com medidas um pouco maiores que os lotes vizinhos*³.

3 A não centralidade geográfica da igreja católica pode ser interpretada no âmbito do poder de influência da mesma, uma vez que por conta da característica de formação recente da cidade, tal instituição surgiu no mesmo período de algumas igrejas evangélicas, chegando duas a ter mais destaque arquitetônico que a

5. Uma clareira para o mundo: Limites sociais e Fronteiras verdes

Quais são os limites de urbanos? Quais são os limites humanos? Tais perguntas são fundamentais para a compreensão da lógica de expansão da cidade e mecanismo de conexão entre essa e o restante do mundo. Se visualizarmos a referida cidade por meio de uma imagem de satélite se terá a impressão de estarmos observando um espaço aberto no meio da floresta amazônica, no entanto, caminhando pelas ruas da pequena cidade é possível problematizar as noções de limites e fronteiras para além dos delineamentos territoriais.

Na paisagem citadina, antenas, ruas e estradas além de caracterizarem visualmente ações e mecanismos de projeção da vida cotidiana de Rorainópolis, são também, formas de expansão e delimitação de novos limites e fronteiras. Esse debate sobre expansão das fronteiras parece estar presente na História brasileira, praticamente, desde o século XIX, quando Euclides da Cunha, com a intenção da inacabada obra “Um Paraíso Perdido” saiu em expedição pela Amazônia. Sobre esse contato de Euclides com as terras do norte, Lúcia Lippi relata:

Seu contato com a natureza da região o leva a falar de uma terra inacabada, imprópria à ocupação humana, adversária mesmo do homem. Esta natureza poderosa e considerada invencível, entretanto, acaba cedendo lugar à demanda por uma ação organizada e sistemática do governo nacional sobre a região visando torná-la parte efetiva do território nacional. (OLIVEIRA, 1998, p.7)

Tal citação enfatiza um elemento importante na construção de um pensamento social da Amazônia que é a expansão e ocupação dos territórios do norte brasileiro sempre demonstrando a relação de tensão entre a experiência humana e a natureza. Numa noção de fronteira que poderia ser problematizada naqueles espaços ainda desconhecidos, Martins (1997) considera que a mesma se constitui sempre em contexto de conflito e enquanto lugar de alteridade. Nas palavras do autor significa:

À primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. Mas, o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História. (MARTINS, 1997, p.27)

católica.

Nesse sentido, as diferentes temporalidades, concepção de vida e a tensão relação homem- natureza parece constituir fronteiras permanentes no delineamento da cidade e nos diferentes modos de vida que emergem na paisagem urbana rorainopolitana.

Imagem III- Casa de madeira conectada com o mundo



Fonte: Marmanillo, 2012

A Imagem III demonstra bem aspectos históricos e econômicos relacionados à forma de vida inicial de parte dos habitantes locais. Assim como em muitas casas, observa-se a presença de antenas no telhado. Contudo o que chamou atenção foi a diferença temporal de existência de cada uma das três antenas que sinalizavam um tipo de consumo de determinado serviço e de período específico da comunicação, de modo geral. As antenas parabólicas (maiores) datam no Brasil desde meados da década de 1980, enquanto a menor ao lado passou a ser comercializada dez anos depois. No lado esquerdo da casa, observa-se uma antena de internet a rádio, valendo lembrar que os serviços de internet datam desde o final da década de 2010 e com certa precariedade⁴.

4 No curta-metragem “Logo Ali” promovido pela empresa OI e dirigido por Calvito Leal, há uma entrevista realizada com o dono de uma LAN house chamado Salomão Rodrigues de Araújo. Segundo o

O aspecto do consumo sinaliza importantes informações sobre a forma como a ideia de fronteira pode ser ultrapassada pelos meios de comunicação e que esses em diferentes momentos estiveram presentes durante o desenvolvimento da cidade. A grande utilização de madeira nas construções de casas, pontes, cercas, postes e pisos, sinalizam que a extração de madeira é uma das principais atividades econômicas da cidade. Segundo o relatório da Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento de Roraima (SEPLAN, 2010), os produtos madeireiros são os produtos mais exportados do município.

Tal relação de exploração existente entre os homens e os recursos naturais constitui uma das mais importantes atividades econômicas locais e conseqüentemente é de onde emergiram as possibilidades de consumo da natureza, convertido em consumo de bens de serviços comuns à maioria da população. Nesse sentido destacam-se as várias antenas e outras fontes de comunicação e expansão da cidade por meio da extração de madeira e aumento da clareira urbana de Rorainópolis. Em outros termos, os hábitos de consumo e produção do espaço não estão dissociados da capacidade de comunicação que insere a pequena cidade numa lógica de rede e de relação com outros espaços geográficos e culturais. Em raciocínio próximo, explicando a relação entre estrutura social, informacionalismo e produção capitalista Castells percebe que:

A comunicação entre os seres humanos e o relacionamento entre esses e a natureza, com base na produção (e seu complemento, o consumo), experiência e poder cristalizam-se ao longo da História em territórios específicos, e assim geram culturas e identidades coletivas. (CASTELLS, 2005, p.52)

Se a composição social da cidade constitui-se de contingentes de origens diferenciadas que ao chegarem na *Polis* de Roraima travavam um embate com a natureza e com tantos outros aspectos culturais e naturais, os hábitos de consumo sinalizam uma proto cidade que se reproduz segundo a mesma lógica de muitas outras cidades de outros cantos do Brasil. Tomando como base os clássicos (Weber, 1967 e Marx, 2005) poderíamos pensá-la enquanto local de satisfação das necessidades e *lócus* do próprio sistema capitalista.

Nos caminhos de satisfação dessas necessidades, a sociedade rorainopolitana expande suas ruas até as grandes paredes verdes que cercam a pequena cidade. Ul-

documentário, o proprietário iniciou a distribuição desse serviço com um link de 1 MB dividido entre a LAN house e mais 100 clientes. A própria Oi disponibilizou o vídeo em 01/12/2011 no link. http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=x00_96WQg2w

trapassar essas fronteiras significa tomar consciência do desconhecido incorporando-o à lógica das ruas, preenchendo e expandindo a estrutura da “espinha de peixe” na qual se projetou o modelo de cidade-assentamento.

Imagem IV- Limites entre cidade e floresta



Fonte: Marmanillo, 2012

Na imagem IV onde um rapaz caminha em direção à mata, é possível verificar um dos limites da apropriação social do espaço e ter uma ideia do tamanho e densidade da floresta que cercam a pequena cidade. Em termos geográficos e naturais as fronteiras parecem ser bem definidas, já em termos de ideias e cultura há um *continuum* que se desenvolve através dos meios de comunicação, fazendo com que não haja limites entre a pequena cidade e o que ocorre nos outros cantos do Brasil. Na verdade pode-se dizer que tal *continuum* é fundamental na orientação das formas de ocupação e desenvolvimento da cidade, não é por acaso que uma população migrante não pode ser dissociada de seus locais e costumes de origem. Nesse sentido a comunicação se coloca como necessidade fundamental para permanência do migrante.

Em outros termos, podemos dizer que é a comunicação que transmite um ideal de cidade que se materializa nas formas das casas com suas largas janelas, avenidas, comércio, *LAN houses* e tantos outros serviços que chegam de empresas oriundas de Boa Vista (RR) ou Manaus (AM) - presentes em tantos outros locais do Brasil. Tal especificidade está vinculada à própria história da formação desse espaço geográfico.

Imagem V - Centro comercial na Avenida Yandara



Fonte: Marmanillo, 2012

Nesse sentido não seria estranho afirmar que a *Polis Roraima*, que é afirmada como segunda maior cidade do estado, seja delineada sobre um padrão homogêneo de cultura de consumo que põe em cheque o próprio sentido de fronteira. Sobre isso Martins explica que:

A fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece, quando os tempos se fundem, quando a alteridade original e mortal dá lugar à alteridade política, quando o *outro* se torna a parte antagônica do *nós*. Quando a História passa a ser a *nossa História*, a História da nossa diversidade e pluralidade, e nós já não somos nós mesmos porque somos antropofagicamente nós e o outro que devoramos e nos devorou. (MARTINS, 1996, p.27)

Dessa forma, aspectos como *fusão* e *conflito*, são constantes nessa cidade cuja origem esteve relacionada com problema nacional, que é o da reforma agrária. A sociabilidade rorainopolitana, e sua relação com a construção de uma identidade comum, transitam por esses dois extremos, tanto funcionalmente nas formas de solidariedade desenvolvidas para a própria manutenção da cidade, quanto nos *usos sociais* de uma suposta identidade que na verdade se constrói de acordo com seu processo histórico.

Em relação às diferentes origens, vale destacar que em Rorainópolis é possível almoçar em restaurante cujo proprietário é cearense, solicitar internet para um micro empresário gaúcho e fazer compras de casa no supermercado de um baiano. Na pró-

pria universidade estadual implantada recentemente em 2007, existem funcionários de São Paulo, Sergipe, Paraíba, Tocantins, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Pernambuco, Maranhão e Amazonas.

Esses poucos pequenos exemplos cotidianos não estão dissociados do denso processo migratório e da importância estratégica da região norte para o restante do Brasil e do mundo, em termos de fornecimento de matérias primas e de uma consolidação do estado brasileiro no norte do país⁵. Por outro lado, o norte representou também uma possibilidade de *mobilidade social* para as pessoas de diversos cantos do Brasil.

Nesse contexto, vale ressaltar que Rorainópolis obteve um quadro de aproximadamente 4.000 migrantes, que chegaram à cidade pela BR174, entre janeiro de 1996 e dezembro de 1999, em 2000 possuía 17.477 habitantes e atualmente conta com 24.276 habitantes, dos quais 10.673 habitantes vivem na sede do município. (IBGE, 2010). A forma como esses realizaram seus investimentos habitacionais possibilita interpretar características dessa população, e como essa constrói uma forma de segregação espacial.

A própria classificação local feita sobre algumas habitações, mais simples que se proliferaram com o crescimento da cidade, sinaliza um tipo de estratificação e também a característica migratória. Nesse sentido, as chamadas *estâncias*, são vários conjuntos de *kitnets* que recebem pessoas por preços mensais mais baixos, que variam entre R\$100 e R\$ 200. É importante ressaltar também, que tal terminologia no Rio Grande do Sul significa uma estrutura rural (formada por casa, galpões, currais) utilizada para criação de gado bovino, ou seja, caracteriza um tipo de classificação relacionado a determinado tipo de migrantes. Nessa opção mais simples e barata de habitação geralmente há um quarto com porta e janela e um banheiro anexo. A falta de circulação de luz e ar, a umidade e o calor são características permanentes nessas estruturas mais simples onde geralmente o piso é de cimento e as paredes de alvenaria ou madeira. Na ilustração é possível visualizar um exemplo de estância verde de madeira, com um pequeno córrego na frente e ao fundo uma mulher lavando roupas perto de um varal com peças de roupa estendidas.

5 Nesse âmbito pode-se destacar a ideologia do “integrar para não entregar” difundida no regime militar, durante o governo Castelo Branco.

Imagem VI- Habitação precária conhecida como Estância



Fonte: Marmanillo, 2012

Os conjuntos de Kitnets mais sofisticados são classificados como *apartamentos*-nomenclatura mais universal. Além do melhor acabamento e maior número de cômodos, em alguns são oferecidos serviços extras, como centrais de ar condicionado e TV por assinatura. Uma característica importante também é que a maioria possui uma área de serviço interna valorizando muito mais os aspectos privados e individuais de cada morador, diferentemente das estâncias onde as áreas de serviço, com tanques e varais, são coletivas. Os preços dos “apartamentos” variam entre R\$ 400 e R\$ 750, gerando um tipo seletividade de inquilinos que não pode ser pensada se não considerarmos as profissões dos mesmos.

Enquanto os apartamentos são ocupados por policiais, juízes e professores do Instituto Federal e da Universidade Estadual, as estâncias estão historicamente associadas à construção da BR 174, possuindo um papel fundamental no acomodamento dos operários que trabalhavam na construção da estrada. Essas duas formas de habitação sinalizam uma forma de divisão social do trabalho na recente cidade e são associadas às situações de adaptação dos recém chegados ou de permanência temporária.

Em termos de residências fixas é possível verificar palafitas, construídas em áreas sem infra-estrutura alguma, e também casas nas áreas mais altas com melhor

condição urbana. Uma distinção básica entre as formas de residência ocorre quanto ao material de construção e localização, ou seja, se é madeira ocorre com mais frequência nas áreas baixas, alagadiças e periféricas, as casas de alvenaria localizam-se, na maioria, nas áreas de maior altitude e próximas as regiões centrais da cidade.

Imagens VII e VIII – Casebres e vizinhança em área nobre



Fontes: Marmanillo, 2012

A distância entre centro e periferia revela uma tendência de precarização conforme ocorra o afastamento geográfico das áreas centrais. A altimetria da cidade também sinaliza um tipo de diferenciação que fica mais evidenciada quando a água das chuvas escorre pelas ruas asfaltadas e melhor estruturadas para as áreas mais baixas e periféricas, enchendo os canais e alagando os casebres, nesse sentido a falta de saneamento acentua ainda mais a diferenciação. Mais que registros de construções, as imagens (VII e VIII) sinalizam características econômicas de determinados perfis de moradores, que individualmente acabam delineando a segregada paisagem urbana de Rorainópolis.

Considerando a forma precária dos casebres e a resistência, em contraposição da melhor estrutura nos espaços privilegiados, é possível pensar a ideia de *variações paisageiras* (ECKERT, 2009), uma vez que, na disputa contra as intempéries do tempo, as edificações que se manterem “narrarão” os lugares vividos e serão as verdadeiras guardiãs da memória de seus habitantes. Nesse sentido, enfatiza as relações entre as experiências humanas e a paisagem e a forma como é percebida pelos sentidos.

Além das questões espaço-temporais, as fotografias nos possibilitaram narrar modestamente o município em relação a aspectos como a comunicação, os limites da cidade, e relação entre diferenças sociais e habitacionais. Utilizando a ideia de

fronteira de Martins (1996), podemos dizer que a referida cidade caminha para a fusão das temporalidades e para um processo antropofágico de construção de identidade que só pode ocorrer com as tensões que emergem da pluralidade que serve de base para a transformação da cidade assentamento para segunda maior cidade do estado.

A importação e mistura de referências simbólicas associadas a processos identitários locais se faz não apenas, espacialmente, em relação à capital, mas também em relação à História, uma vez que é possível visualizar o esforço de construção de uma ideia de cidade Rorainopolitana por meio dos nomes das principais ruas e avenidas. Nesse sentido, destacam-se às avenidas Yandara, Airton Sena e Tancredo Neves, que fazem referência, respectivamente, à cultura indígena, ao campeão brasileiro do automobilismo mundial e a o primeiro presidente civil após ditadura militar. Nota-se então, uma cidade que cresce com referências nacionais incluso em seu processo de construção de identidade regional e local, como se existisse primeiro enquanto um “lugar” (do norte) do Brasil e posteriormente como cidade.

São diferentes temporalidades e culturas anteriores que coexistem na tensa relação entre os homens e recursos naturais, e homens entre si. Não se trata do exótico ambiente equatorial percorrido por Euclides da Cunha e embora seja semelhante a uma clareira no meio da floresta amazônica, sua conexão econômica e cultural com o restante do país é forte e representa a força motriz de todas as mudanças nesses dezessete anos de existência do jovem município. Nesse aspecto, foi necessário romper com um senso comum permeado de exotismo e ideia de isolamento histórico e populacional referente à região norte.

Conclusões Preliminares

Mais que um estímulo sobre nossas retinas, toda imagem apresenta uma lógica e sentido de existir. Se tomarmos as imagens enquanto processos é possível pensá-las enquanto signos de determinadas dinâmicas sociais e históricas, ou seja, mais que um objeto ilustrativo, as imagens nos instigam a buscar os elementos não visíveis que resultam no que se apresenta aos nossos olhos.

Num breve histórico sobre o uso das fotografias, percebemos que a utilização de imagens nas pesquisas antropológicas remonta o início do século XX e que no final do mesmo século cresceram, no Brasil, o número de grupos de pesquisa voltados para explorar as possibilidades analíticas sobre as imagens. Juntamente com esse movimento cresceram também as preocupações epistêmicas referentes ao ato de ob-

servar, que se constitui como uma atitude científica principal tanto para a etnografia quanto para a produção de imagens.

A problematização da atitude referente à observação não está desvinculada de um debate teórico metodológico existente necessário para a consolidação das Ciências Sociais, principalmente em se tratando dos processos de objetivação científica necessários à observação dos fatos sociais e também dos aspectos culturais e subjetivos que devem ser considerados nesse processo de objetivação.

Nessa perspectiva, desenvolvemos uma narrativa visual a partir de duas imagens de satélite e seis fotografias, que junto com fontes dos órgãos oficiais e aspectos históricos, possibilitaram uma reflexão com conceitos de *limites* e *fronteira*, trabalhados por José de Souza Martins. Conceitos esses que, relacionados com aspectos da produção material, com a lógica de expansão da cidade, formas de habitação e suas respectivas clientelas possibilitaram uma definição para a cidade narrada.

Enfim, considerar as imagens enquanto produto da sociedade implica pensar que a interpretação se faz no diálogo de informações históricas e sociais dessa mesma, uma vez que são projetados nas imagens símbolos que carregam diferentes temporalidades. Em outros termos, a cultura e percepções de vida de uma sociedade ficam mais evidenciadas nas imagens, que essas produzem, quando são considerados os elementos externos presentes nas teias de significados tecidas pelos homens.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *Discurso preliminar*, in: A Formação Do Espírito Científico. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1996.

BURKE, Peter e BRIGGS, Asa. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/ Editora da Unesp. 1998.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Tradução Roneide V. Majer. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion e MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema in: *Domínios da história : ensaios de teoria e metodologia*/ Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). - Rio de Janeiro: Campus, 1997.

COLLIER Jr, John. *Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária/Ed. USP, 1973.

DURKHEIM, Émile. *Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Editora Martin, Claret, 2003.

ECKERT, C. . *As variações paisageiras na cidade e os jogos da memória*. In: Flávio Leonel da Silveira e

Cristina Donza Cancela. (Org.). Paisagem e cultura: dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade. Paisagem e cultura: dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade. 1ed. Belém: EDUFPA - Editora Universitária, 2009, v. 1, p. 87-97.

ECKERT, C. ; ROCHA, A. L. C. . Imagem recolocada: pensar a imagem como instrumento de pesquisa e análise do pensamento coletivo. Porto Alegre: *Illuminuras*: série do Banco de Imagem e Efeitos Visuais, v. 8, p. 1-12, 2000.

FREIRE, Marcius. Gregory Bateson, Margaret Mead e o caráter balinês. *Notas sobre os procedimentos de observação fotográfica em Balinese Character. A Photographic Analysis* ALCEU - v.7 - n.13 p. 60 a 72 - jul./dez. 2006.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

IBGE in: bestatistica/populacao/censo2010/default.shtm Dados com base em levantamentos utilizando os resultados do Censo 2010 do IBGE. Acesso em 28 out 2012.

MARTINS, José de Souza. José de Souza. *O tempo da fronteira. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira*. São Paulo: Tempo Social Revista de Sociologia USP, 8 (1) maio de 1996.

MARQUES, Altyvir Lopez; BERNHARD, Tânia; SCHULL, Sirlei; OAIGEN, Edson Roberto. *A poluição do igarapé do Chico Reis (Rorainópolis – RR) e suas consequências para a saúde pública*. Caderno de Pesquisa série Biologia, vol.20, número 2, p.63-75, jun./ago. de 2007.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, [1950], 2003

MENDES, Ricardo. *Once upon a time: uma história da história da fotografia brasileira* São Paulo: Anais do Museu Paulista, N. Sér. v. 6/7. p. 183-205 (1998-1999). Editado em 2003.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro . *Sociologia da Imagem - Ensaios Críticos* (CD-Rom). João Pessoa: Edições do GREI, 2004 (Cadernos Especiais de Pesquisa)

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Vol. V (suplemento), pp. 195-215, Julho 1998.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho. Da antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, ano 1, n. 2, p. 107-117, jul./set. 1995.

SAMAIN, Etienne. “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw malinowski e a fotografia. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul./set. 1995.

Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento de Roraima. *Informações Socioeconômicas do Município de Rorainópolis – RR 2010*/[Elaboração: Divisão de Estudos e Pesquisas] 1ª edição. Boa Vista: CGEES/SEPLAN - RR, 2010.70p.

VALE, A. L. F.; LIMA, L. C. . *Migração e Mudança Social: A Influência do Migrante do Sertão Nordestino no Norte do Brasil*. Barcelona: Scripta Nova. V, p. 79-104, 2001.

WEBER, Max. *Conceito e Categoria de Cidade*. In VELHO, Otávio Guilherme (org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. p. 73-98.

WEBER, Max. *A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais* [1904]. In: *Max Weber: sociologia*. (Gabriel Cohn org.). São Paulo : Ática, 1982. (Grandes Cientistas Sociais; 13) p.79-127.

WOLF, Eric. *Antropologia e Poder*. Brasília: Editora da UNB. 2003.